

---

*A trama do conhecimento:  
teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*  
de Lucídio Bianchetti & Paulo Meksenas

Papirus Editora, Campinas, SP, 2008, 334p.  
ISBN 978-85-308-0870-9

**Nailton Santos de Matos**

Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP)  
e professor do departamento de Educação  
nos cursos de Letras e Pedagogia – Uninove

Recém-editado pela Papirus Editora, *A trama do conhecimento: Teoria, método e escrita em ciência e pesquisa* é uma coletânea que reúne 17 estudos de 20 autores. A organização destes estudos foi feita por Lucídio Bianchetti e Paulo Meksenas, ambos professores da UFSC com vasta experiência em docência e em pesquisa. Eles apresentam este volume como uma trama cuja tessitura se faz a partir de cada artigo como um fio que se liga a outro construindo a unidade da obra e não fragmentando-a. “A cada fio lançado por um autor, outro o apanha, entrelaça as idéias e também o lança ao seguinte; assim se tece esta obra, também por sua leitura de um a outro e que intenta a mediação com as práticas no ofício de aprender e ensinar a ciência lavrada com a pesquisa”(p. 15)

O livro está dividido em três partes: 1. Teoria e contexto; 2. Método e prática; 3. Escrita e projeto.

A primeira parte, *Teoria e contexto*, contém sete artigos centrados nas políticas de ciência e pesquisa que devem buscar mecanismos que possibilitem a melhoria da qualidade do ensino superior e a veiculação da produção científica.

O primeiro artigo, “*Educação, ciência e desenvolvimento social*” (p.19-42), de Silke

Weber, doutora em Sociologia e professora da pós-graduação em Sociologia da UFPE, apresenta reflexões sobre ensino, pesquisa e políticas públicas de expansão da ciência nos programas de pós-graduação.

O segundo artigo, de Paulo Jantsch, pós-doutor em Educação (UFRGS) e professor da UFSC da pós-graduação em Educação, tem como título “*Os conceitos no ato teórico-metodológico do labor científico*” (p.43-55) e objetiva destacar o papel da universidade não apenas na construção do conhecimento científico. Ele defende uma posição ativa dos intelectuais que produzem pesquisa no âmbito acadêmico cuja preocupação deve ir além dos critérios meramente mercadológicos. (p.44)

O terceiro artigo, intitulado “*Ideologia, intelectuais e dogmatismo na ciência*” (p. 57-72) de Paulo Meksenas, doutor em Educação (USP) e professor da graduação e da pós-graduação da UFSC, procura analisar o dogmatismo na ciência e sua relação com os processos de institucionalização do conhecimento.

O quarto artigo, “*Problemas em torno da pesquisa qualitativa*” (p. 73-93), do professor Roberto A. Follari, docente de Epistemologia das

---

Ciências Sociais na Universidad Nacional de Cuyo defende a pesquisa de modelos qualitativos e bases antipositivista. O autor aponta como referência o método qualitativo utilizado nas pesquisas desta natureza na universidade de Chicago.

No quinto artigo, “*Pierre Bourdieu: A pesquisa e o pesquisador*” (p. 95-117), de Ione Ribeiro Vale, doutora pela Universidade Paris V e vice-coordenadora da pós-graduação em Educação pela UFSC desenha o perfil das pesquisas sociológicas. Para Bourdieu, uma pesquisa só faz sentido quando alia pensamento e ação e constrói um discurso que analisa, critica a realidade social, mas também contribui para sua transformação.

O sexto artigo “*Pesquisa como profissão: Theodor W. Adorno*” (119-134) de Alexandre Fernandes Vaz, doutor em Ciências humanas e Sociais pela Universidade de Hannover, e professor e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea discute a relação entre o contexto histórico, produção acadêmica e o intelectual. Alexandre traz como referência a obra de Adorno e a sua inter-relação com a Escola de Frankfurt.

Finalmente, Celso João Carminati, doutor em Educação (UFSC) e professor da pós-graduação em Educação e Paulo Meksenas concluem esta primeira seção com o texto “*As ciências humanas e a produção social da pesquisa*” (135-150) que discute a tensão que se estabelece entre o caráter provisória da verdade no âmbito da ciência. Ele traz considerações importantes de autores como Kuhn e Bachelard que vêem a verdade construída pela ciência como um produto de forças inter-relacionadas dentro da organização social de uma época.

A segunda parte, *Método e Prática*, abarcam cinco artigos que refletem sobre as metodologias e técnicas de pesquisa em Educação.

O artigo que abre esta seção é de Gilson R. de M. Pereira, doutor em Educação (USP) e Maria da Conceição Lima de Andrade, doutora em Ciências Sociais (PUC-SP) cujo título é “*Aprendizagem científica: experiência e grupo de pesquisa*” (p.153-168) O artigo resgata a importância do grupo de pesquisa na pós-graduação e apresenta sugestões normativas que podem contribuir para qualidade de ensino neste contexto.

No segundo artigo, “*O Estudo de caso: alternativa ou panacéia?*” (p.169-189) de Giselia Antunes, doutora em Didática pela Universidade de Aveiro e professora da pós-graduação da UFSC e, Nilza Vilhena Nunes da Costa, doutora em Educação pela Universidade de Londres e professora do Departamento de Didacta e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro problematizam o estudo de caso e apontam preocupações metodológicas que devem nortear o pesquisador neste tipo de pesquisa. Elas afirmam ainda que a abordagem de estudo de caso não é panacéia para todo tipo de estudo.

O terceiro artigo intitulado “*Histórias da vida e abordagem (auto)biográfica: pesquisa, ensino e formação*” (p.191-203) de Elizeu Clementino de Souza, doutor em Educação (UFBA) e professor da pós-graduação em Educação e contemporaneidade da UFBA e Liane Figueiredo Soares, mestre em Educação e Contemporaneidade (Unep) discutem como as histórias da vida podem ser utilizadas como instrumento de um método de investigação-ação valioso para as pesquisas em educação.

Em “*A teoria das representações sociais na pesquisa educacional*”, (p.205-221) Francisco das Chagas Souza, doutor em Educação (Unimep) e professor na pós-graduação em Educação e em Ciência da Informação da UFSC, aponta para o significado profundo dos discursos e como estes podem ser utilizados na pesquisa educacional para uma

---

melhor compreensão da realidade uma vez que as representações do pensamento e ações humanas podem ser designadas como representações sociais.

Antonio Zuin, doutor em Educação pela UNICAMP e professor da pós-graduação em Educação na UFSCar, finaliza esta seção com o texto “*O Orkut como fonte de pesquisa em Educação*” (p.223-236) que caracteriza este gênero textual como um manancial significativo para pesquisadores que procuram estudar as relações tensas entre professores e alunos.

A terceira e última parte *Escrita e Projeto* abarca também cinco artigos que agregam à discussão questões relacionadas à escritura do texto científico.

No artigo que abre esta seção “*O processo da escrita: elementos inibidores e facilitadores*” (p. 239-265), Lucílio Bianchetti, doutor em História e Filosofia da Educação (PUC-SP) e professor do Centro de Ciências da Educação da UFSC fala sobre as dificuldades de escrita daqueles que estão envolvidos com a pós-graduação. Bianchetti aponta para importância de dominar os mecanismos de escrita diante das exigências cada vez maior de a pesquisa vir acompanhada da produção e da socialização do conhecimento.

O segundo artigo, “*Pânico da folha em branco: para entender e superar o medo de escrever*” (p. 267-286), de Ana Maria Netto Machado, doutora em Ciências da Linguagem da Universidade de Paris X e coordenadora do mestrado em Educação da Uniplac traz uma reflexão entre escrita e psicanálise. Ela focaliza as implicações de escrever e baseando-se na psicanálise mostra de que maneira o medo pode ser superado.

O terceiro artigo intitulado “*A escrita antes do texto: de cozinhas, teares e ateliês*” (p.287-

300) de Gilka Girandello, doutora em Ciências da Comunicação (USP) e professora da pós-graduação da UFSC resalta a questão do domínio da escrita acadêmica como primordial na formação do pesquisador. Para Girandello, a tessitura coerente de um texto resulta de rigor conceitual, do encadeamento lógico e domínio dos mecanismos gramaticais de que a língua dispõe.

Em “*Projetos de iniciação científica no campo educacional*” (p.301-316) Ivanilde Apoluceno de Oliveira, doutora em Educação (PUC-SP) e professora da pós-graduação da Uepa, destaca a lógica de construção de um projeto de pesquisa e oferece de modo objetivo os procedimentos necessários à sua elaboração. Suas orientações apontam caminhos e dão dicas valiosas para quem quer desenvolver projetos de investigação acadêmica.

Maria Tereza de Queiroz Piacentini, mestre em Educação pela UFSC, finaliza esta seção com o texto “*A forma em evidência: estilo e correção em trabalhos acadêmicos*” (p. 317-334) no qual oferece dicas e orientações estilísticas com vistas à melhoria da redação dos textos acadêmicos. O artigo traz orientações que podem ajudar os pesquisadores no domínio de mecanismos que garantem a coesão e coerência do texto científico.

Finalmente, a partir de uma análise dos dezessete artigos compilados neste volume, pode-se afirmar que este projeto se propõe a reunir as mais diversas propostas de estudo de sobre ciência e pesquisa em Educação e sua relevância na formação profissional e acadêmica. Os artigos revelam-se bastante enriquecedores para aqueles que objetivam um estudo ou que apresentam algum interesse no domínio dos estudos acadêmicos voltado para a pesquisa em particular.

---

---